

Definição

É um termo geral que representa pessoas cuja orientação sexual, identidade ou expressão de gênero não seguem os padrões impostos pela heterocisnormatividade.



fotografia. Dois anos se passaram e o artista entrou, a convite de uma professora, na University of East London para estudar a arte. Estudou, aprimorou, criou e concluiu o curso.

O próximo passo foi o mestrado em fotografia no Royal College of Art, que o levou a refletir sobre o tema do projeto de conclusão. Os pensamentos voltaram a Marialva, ao interior e à família, especificamente ao pai. Na casa, há um dialeto único, que só quem é íntimo sabe. Entre as palavras, uma delas ficou marcada na memória do artista: “golo”, usada para se referir a “veado”. Era também um termo associado a ele, que relata sempre ter sido o “veado da família”.

A lembrança da família, porém, não era apenas feita de palavras. Havia os rituais de família grande, de origem italiana, como os domingos de futebol. Nessa rotina, tinha a relação de pai e filho que era “boa, mas sempre podada”, como define Danilo. Não tinha conversa sobre sentimentos, e havia as diferenças entre eles: um homem rústico e um **artista queer**. Foi nesse território de lembranças que começou a surgir a ideia de Querido Pai.

O pai como personagem

No processo de criação do projeto, as lembranças da infância passaram a ser revisitadas sob outra perspectiva. A imagem do pai trabalhando no campo se tornou base para a exposição de fotografia. Inicialmente, Danilo imaginou reunir os homens da família e montá-los de drag durante um churrasco de domingo. A ideia, no entanto, foi mudando. “Não acho que é sobre os meus tios. É sobre o meu pai”, contou em entrevista à Revista do **Correio**.

O objetivo não era transformar o patriarca em outra pessoa: era colocá-lo dentro de uma linguagem que Danilo conhecia intimamente e, ao mesmo tempo, voltar a lugares e memórias nos quais havia se sentido deslocado. Durante anos em que viveu longe de casa, o retorno para casa também significava uma espécie de preparação. Para estar novamente naquele ambiente, o artista dizia precisar controlar a própria aparência e os próprios gestos.

“Todas as vezes que eu voltava para o Brasil, eu começava a me desmontar. Eu tirava os meus brincos, eu vinha sem unha feita, o meu cabelo estava sempre amarrado. Então, quando eu monto o meu pai de drag, naquele espaço, onde eu sempre performei uma masculinidade, eu consigo ser normalizado”, disse.

Projeto idealizado, chegou o desafio: o convite ao pai. Danilo sabia que o pedido significa abrir uma conversa que eles não estavam acostumados a ter. Então, surgiu com o plano de destacar as principais conquistas profissionais e explicar a importância da arte na sua vida. Disse ao homem rústico que o projeto poderia mudar sua carreira, mas que não conseguiria realizá-lo sem ele.

Do outro lado da linha, João ficou em silêncio por cerca de 15 segundos e, então, respondeu: “Desde que você trouxe uma peruca bonita para mim e uma para sua mãe, eu faço.” Foi um “sim” um tanto quanto diferente, o que levou um Danilo

surpreso a retornar para o pai, diversas vezes, para confirmar se ele realmente não havia mudado de ideia.

Cerca de um mês e meio depois, viajou ao Brasil para realizar as fotografias. O que aconteceu diante da câmera, no entanto, seria diferente de simplesmente vestir o pai com uma peruca e uma maquiagem. A arte transformou a maneira como pai e filho ocupavam aquele espaço.

Danilo voltou às memórias e tentou reconstruí-las a partir de uma nova perspectiva. Se, durante anos, ele precisou se adaptar à masculinidade esperada naquele ambiente, agora era o pai quem entrava em cena usando elementos associados à feminilidade. E, depois do projeto, alguma coisa havia mudado. “Eu hoje não me desmonto mais para voltar para casa.”

Carta para João

Ao voltar para o Reino Unido, Danilo escreveu, em fluxo de pensamento, uma carta para João. No começo, o texto era privado. Era uma maneira de organizar o que havia vivido e compreender o que aquelas imagens significavam para ele. O texto, porém, acabou se tornando parte importante de *Querido Pai*.

A memória, na carta, não aparece como uma sequência organizada de grandes acontecimentos. Ela se constrói por detalhes: uma palavra, uma manhã, uma cerveja, um programa de televisão interrompido, um campo de futebol, uma paçoca.

O texto também preparou Danilo para um dos momentos mais importantes do projeto: ver João diante das próprias fotografias. Quando o pai esteve na galeria, em Tiradentes (MG), durante o Festival Foto em Pauta, em março, o artista quis que ele ocupasse aquele espaço de maneira diferente da imagem que costumava ter de si mesmo. Ofereceu cerveja, a bebida preferida do pai, e o apresentou como a “estrela da noite”.

Havia algo simbólico em ver aquele homem simples, agricultor de Marialva, ocupando um espaço artístico e sendo observado pelas pessoas a partir de uma imagem que, até pouco tempo antes, talvez parecesse impossível. “Foi um sentimento que eu nem sei explicar. É um sentimento de ápice de orgulho”, relatou o fotógrafo.

Quando a imagem encontra o público

No começo de setembro, assim que as imagens foram publicadas na internet, *Querido Pai* dominou as redes sociais e a repercussão surpreendeu Danilo. As fotos, tão únicas e com uma história tão particular, ressoaram de diversas maneiras com pessoas de diferentes lugares do mundo.

O público consegue se reconhecer nas fotografias por conta das camadas da arte: a dificuldade de conversar com os pais, as expectativas sobre masculinidade, a necessidade de esconder partes de si e a busca por pertencimento. As imagens coloca lado a lado universos que costumam ser apresentados como opostos: o campo e a performance; a masculinidade e a feminilidade; a tradição e a identidade queer; e o pai e o filho.